

O lugar dos seres encantados e dos saberes acadêmicos: o realismo maravilhoso em narrativas orais da região bragançatina

Alessandra F. Conde da Silva¹
Savana Cristina Lima Cardoso²
Luciana Vieira Pinheiro³

RESUMO: Este artigo volta-se para o estudo do realismo maravilhoso em narrativas contadas e comentadas por acadêmicos da UFPA dos Campi Universitários de Bragança e de Capanema, considerando a relação entre saber acadêmico e saber popular. Assim, há três pontos de pesquisa: o estudo do realismo maravilhoso e sua presença nas narrativas; o inventário sobre os pareceres e perspectivas dos narradores sobre a presença do elemento sobrenatural nas narrativas; e a análise das histórias, considerando algumas funções das personagens, estudadas por Propp (2001), que se mostram categorias iterativas nas narrativas da região.

PALAVRAS-CHAVE: Estudo. Realismo maravilhoso. Narrativas orais.

Introdução

Antes de tudo, é de suma importância o entendimento de que *maravilhoso* não é apenas o que é belo e deslumbrante. Para a literatura que trata dessa temática, maravilhoso é tido como o incomum, inusitado, diferente, sobrenatural, irreal. “Tudo o que é insólito, tudo o que é assombroso, tudo que escapa às normas estabelecidas é maravilhoso” (CARPENTIER, 1987, p. 122). Assim, devemos ter em mente que o terrível pode, igualmente, ser considerado maravilhoso.

Histórias sobre assombrações e outros temas considerados incomuns, recheadas de maravilhoso, desfilam em nosso meio desde os primórdios, quando o homem não encontrava verdades absolutas e/ou explicações acerca de variados acontecimentos extraordinários. O mundo acadêmico, por exemplo, um dos principais lugares onde o conhecimento científico se processa, não está alheio às histórias que nos colocam de frente a seres e acontecimentos tidos como irrealis. Não falamos somente no campo das pesquisas, mas no da vivência de alguns alunos.

No exercício de investigar alguns estudantes universitários notamos o expressivo conhecimento no que tange às narrativas maravilhosas (as que tratam de seres e situações

¹ Professora da Universidade Federal do Pará – Campus Bragança. Afcs77@hotmail.com

² Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará – Campus Bragança.

³ Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará – Campus Bragança.

incomuns). Considerando suas perspectivas, há os que acreditam no conteúdo das histórias e há os que discordam da veracidade delas, enxergando-as apenas como manifestações do imaginário popular. Assim, nosso trabalho nasceu com o propósito de estudar a presença do realismo maravilhoso nas histórias contadas por estudantes universitários dos Campi de Bragança e Capanema, naturais das zonas rural e urbana, considerando a opinião/crença de cada contador de história em relação ao contado. Os acadêmicos entrevistados são jovens (sexos masculino e feminino), com idade entre vinte a trinta anos. No total, tivemos dez narrativas, porém, neste trabalho, falaremos apenas de quatro delas⁴.

A pesquisa teve início a partir da produção de um vídeo cujo objetivo era retratar a presença do realismo maravilhoso nas narrativas contadas pelos acadêmicos, realizada dentro dos projetos de extensão *Alunos em (Re)vista* e *Audiovisual*. O trabalho aqui apresentado versa sobre as discussões acerca das narrativas contadas pelos estudantes participantes do filme, assim como os comentários e pareceres sobre a sobrenaturalidade nelas presente.

Das histórias contadas e recontadas sabemos que boa parte delas trazem em sua essência acontecimentos irrealis, seres sobrenaturais, encantados, objetos falantes, animais falantes – aproximando-se, por vezes, de um gênero vizinho, a fábula. Em resumo, essas histórias flertam com o maravilhoso, com um mundo e “personagens [que] podem fazer qualquer coisa”, como descreve Frye (1973, p. 58) ao caracterizar as histórias e heróis míticos.

Inicialmente, buscamos seguir uma trajetória que nos conduzisse a entender a presença do elemento maravilhoso, como elemento iterativo nas narrativas populares contadas pelos alunos. Tomando os estudos de Alejo Carpentier, nos aventuramos por terrenos do realismo maravilhoso, reconhecendo uma retórica do maravilhoso, dispostas em um discurso que valoriza o extraordinário, tornando-o ordinário. Em seguida, propusemo-nos a tracejar um perfil dos alunos que participaram do projeto, isto é, alunos que contaram as histórias e revelaram como lidam com elas. Seriam para eles somente puras fantasias ou teriam algum fundamento histórico etc.? Tal dúvida nos conduziu a outra: como esses alunos lidam com os saberes da tradição e os saberes acadêmicos? E, por fim, buscando realizar a análise das narrativas, nos propomos estudar a presença doselementos sobrenaturais, que alimentam o realismo maravilhoso, nas narrativas contadas pelos acadêmicos, assim como, com base nos estudos de Propp em seus livros *A*

⁴Vejam os títulos das dez narrativas: *João, o menino encantado*; *Juca, a menina levada pela Curupira sequestradora*; *As fadas de Caratateua e o jenipapeiro místico*; *O pesadelo e o menino pagão*; *A Curupira do mangal de Augusto Corrêa*; *O café das almas*; *A Maria cachorro*; *A Matinta Pereira e o encantamento*; *A cobra grande do rio Caeté* e *O Ataíde auto-antropofágico*. Os nomes foram criados pelas autoras durante a produção do trabalho, de acordo com a temática principal de cada história, com exceção da narrativa *O café das almas*, muito conhecida por esse mesmo nome na cidade de Bragança.

Morfologia do Conto Maravilhosoe Raízes Históricas do Conto Maravilhoso, voltamo-nos às funções das personagens como categorias iteracionais das narrativas da região bragantina.

Da deformação do real à naturalização do irreal: o realismo maravilhoso

A priori, é válido comentar sobre os gêneros da Literatura Fantástica abordados por Todorov (1975), em seu livro *Introdução à Literatura Fantástica*. Trata-se do fantástico, do maravilhoso e do estranho. Assim, o maravilhoso é entendido como a condição em que não há alteração na sensibilidade do personagem, o que não altera também a do leitor. O elemento sobrenatural é aceito de forma natural, sem questionamentos. Por vezes, tem-se a consciência de que se está de frente com o absurdo, contudo tudo é aceitável e não se busca explicação. Contrário ao maravilhoso, temos o gênero estranho, que apresenta certa explicação, ou seja, o personagem ou leitor chega a uma conclusão de que o que está à sua frente tem uma explicação racional/científica/biológica. Apresentadas as duas “pontas do fio”, resta-nos agora apresentar seu meio, que é justamente a verdadeira confusão “real ou irreal?”; o gênero fantástico, a hesitação entre o natural e o sobrenatural. De forma sintética, vejamos as discussões de Todorov (2006, p. 148) acerca dos referidos gêneros:

Num mundo que é bem o nosso, tal qual o conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo familiar. Aquele que vive o acontecimento deve optar por uma das soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, um produto da imaginação, e nesse caso, as leis do mundo continuam a ser o que são. Ou então esse acontecimento se verificou realmente, é parte integrante da realidade; mas neste caso ela é regida por leis desconhecidas para nós. Ou o diabo é um ser imaginário, uma ilusão, ou então existe realmente, como os outros seres vivos, só que o encontramos raramente. O fantástico ocupa o tempo dessa incerteza; assim que escolhemos uma ou outra resposta, saímos do fantástico para entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural.

Entendido o gênero maravilhoso, é importante que ressaltemos de forma clara a presença desse sobrenatural em narrativas tradicionais presentes em nosso meio. Assim, os estudos do ficcionista cubano Alejo Carpentier, autor que faz uso das expressões “Realismo maravilhoso”, puderam nos auxiliar no que diz respeito a um gênero muito presente na cultura da América Latina. Nei Clara de Lima (2003, p. 40), comentando sobre as teorias do realismo maravilhoso, afirma que

(...) o maravilhoso latino-americano encontra-se, histórica e culturalmente, incorporado aos universos mentais das populações dessa região, chamando a atenção para o não-esgotamento de seu caudal de mitologias, ele está apontando para uma relação profundamente estreita entre as formas literárias e a história de grupos sociais particulares de culturas particulares. É por detectar o maravilhoso como parte da

realidade latino-americana que ele pode afirmar: “o que é a história de toda a América Latina senão uma crônica do real maravilhoso” (CARPENTIER, 1971, p. 119).

O realismo maravilhoso é um dos elementos que, para Carpentier, intervém decisivamente na caracterização, na significação da arte da América Latina⁵. Um gênero que Carpentier não entendeu apenas só como maravilhoso, mas sim como um *maravilhoso* que adjetiva agora um novo substantivo, *realismo*, formando a concepção de uma realidade maravilhosa. O sobrenatural está inserido no cotidiano; as diferenças no modo de conceber essa tendência estão ligadas também à questão geográfica, uma vez que o realismo maravilhoso é o maravilhoso da América Latina, de um grupo particular. Acrescenta, então, Nei Clara de Lima (2003, p. 39):

(...) muito distante, então, de suas manifestações europeias burocratizadas, o maravilhoso latino-americano, ao transferir o sobrenatural, por efeito da crença, para o mundo ordinário, torna-se o real maravilhoso, especificidade primeiramente cultural e depois literária, pois é o universo dos mitos, lendas e histórias latino-americanas que fornece, por meio da crença, a unidade das ordens natural e sobrenatural, eixo paradigmático da novela realista.

Entre outros aspectos, o realismo maravilhoso compreende o sobrenatural, a magia, o metamórfico e procura dar conta, especificamente, da realidade do homem latino-americano. Neste sentido, o homem é visto como mistério em meio aos dados realistas: “[...] o realismo maravilhoso incorpora o insólito no cotidiano popular, sem questionamentos...” (BOTOSO, 2011, p.204). Serve como amparo para compreender o sobrenatural. Para Carpentier (1987, p. 140-141),

o realismo maravilhoso começa a sê-lo de maneira inequívoca quando surge de uma inesperada alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade, de uma iluminação não habitual ou particularmente favorecedora das desconhecidas riquezas da realidade, de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com especial intensidade em virtude de uma exaltação do espírito que o conduz a um modo de “estado limite”. Para começar, a sensação do maravilhoso pressupõe uma fé.

Ora, Carpentier afirma que o realismo maravilhoso demanda uma fé. Logo, “[...] os que não acreditam em santos não podem curar-se com milagres de santos” (CARPENTIER, 1987, 140). Em outras palavras, o incomum faz parte da realidade vivida porque se acredita nele. E é aí que precisamos considerar as formas de demonstrar a crença, como por exemplo: “eu vi, aconteceu comigo”, “eu não vi, mas acredito e tenho medo”, entre muitas outras maneiras de demonstração de fé no que se refere a algo que se encaixa no mundo do real maravilhoso. Ademais, “[...] o insólito, em ótica racional, deixa de ser o ‘outro lado’, o desconhecido, para incorporar-se ao real: a maravilha é (está) (n)a realidade” (CHIAMPI apud BOTOSO, 2001, p. 206), seja na literatura escrita, seja na oral.

⁵ Ao lado do realismo maravilhoso, o Barroco é outro elemento que o autor diz intervir decisivamente na caracterização, na significação da arte da América Latina. O Barroco, assim, caminha lado a lado com o realismo maravilhoso.

Entram em cena seres sobrenaturais, seres que se metamorfoseiam, seres encantados, animais falantes, objetos mágicos, entre muitos outros. A realidade sofre transformação e todo o contexto recebe tal transformação sem questioná-la, aceitando o sobrenatural como parte integrante do mundo natural. Desta forma, ocorre a naturalização do irreal. O realismo maravilhoso faz o extraordinário tornar-se ordinário. É esta naturalização do real que se nota em muitos discursos dos alunos entrevistados, como veremos adiante.

Quem conta um conto, afirma um ponto: os contadores de histórias e a crença no sobrenatural

É importante explicarmos que, além do propósito de estudar o realismo maravilhoso nas narrativas contadas pelos acadêmicos, tratamos também, neste trabalho, de questões que mostram como eles lidam com o saber popular (referente às narrativas) e o saber científico, adquirido na academia. Os estudantes acreditam no extraordinário como fator ordinário em suas práticas? Esse saber é camuflado diante do saber científico ou, simplesmente, a crença nele não existe? Seria o triunfo do realismo maravilhoso? Respostas a questões como essas conseguimos encontrar no decorrer das entrevistas feitas com os contadores das histórias.

Em relação às crenças, todos os estudantes, após o contar de suas narrativas, deixaram claro o que pensam a respeito de todo esse mundo sobrenatural. De um lado os que consideram o sobrenatural como parte do real, afirmando serem os dois parte um do outro; do outro, os que afirmam ser o insólito apenas mais uma artimanha da imaginação criadora, na intenção de enriquecer uma literatura diferente, seja ela oral ou escrita. Assim, temos relatos como o seguinte:

Minha avó falava que a mãe do meu avô se transformava em animal e ela é tão... É muito forte isso, muito forte. A gente acredita muito mesmo quando ela fala nisso. Ela diz, por exemplo, que o próprio meu avô infelizmente acabou assassinando a sua mãe por causa disso. Ele não sabia que a mãe dele era aquele animal... (PARECER DO NARRADOR SOBRE A NARRATIVA *A CURUPIRA E O ENCANTAMENTO*).

Como vimos, o meio em que o indivíduo vive tem bastante valor e contribui de forma significativa para com a sua forma de pensar, uma vez que ele sofre influências dos que o rodeiam, principalmente dos mais antigos, como é caso do narrador acima que afirma acreditar por estar inserido num contexto em que há a crença de que pessoas se metamorfoseiam em animais. Neste caso, estamos diante de um narrador que conhece a história e acredita, logo, teme. Todavia, temos ainda o narrador que conta sua própria história, sua própria experiência, demonstrando de forma mais forte a sua crença. Em situações assim, o contador pensa/entende

o evento sobrenatural como real, uma vez que é, muitas vezes, o protagonista da história, ou seja, o que vive a situação incomum. Confirmando nossos apontamentos, acompanhemos o depoimento de mais dois acadêmicos acerca do tema em questão:

(...) às vezes, muitas pessoas podem até não acreditar, mas alguns casos desse tipo já aconteceram comigo, já teve um momento de eu me deparar com situações mais ou menos assim. E eu acredito que isso aconteça, realmente, porque já aconteceu comigo (PARECER DO NARRADOR SOBRE A NARRATIVA *A COBRA GRANDE DO RIO CAETÉ*).

(...) Mas eu continuo acreditando porque eu vi. Dizem que ele só ataca quando a gente dorme de peito para cima (PARECER DO NARRADOR SOBRE A NARRATIVA *O PESADELO E O MENINO PAGÃO*).

Entretanto, ao lado de quem afirma a existência dos seres sobrenaturais, temos quem desconsidere e os aceite apenas como um ornamento a ser usado nas obras literárias e nas histórias orais contadas nos arredores das fogueiras. Além disso, há ainda quem afirme que a presença do sobrenatural funciona como advertência para que as pessoas não realizem determinadas ações, por sentimento de medo. Vejamos:

[...] Pra mim, acho que não se passa de uma lenda, de um mito aqui da cidade, porque toda cidade tem a sua e aqui não seria diferente, e eu acredito que não seja de verdade não. Acredito que é inventário popular. [...] porque as pessoas mais antigas tinham uma outra visão e acabavam acreditando... (PARECER DO NARRADOR DA NARRATIVA *A MARIA CACHORRO*).

Ora, se há quem conta um conto e aumenta um ponto, há também os que contam um conto e afirmam um ponto, ou seja, deixam claro seu ponto de vista em relação às histórias e os seres e situações presentes nelas, afirmando, de acordo com suas crenças, se eles existem, de fato, ou são meras criações da imaginação humana.

Considerando as opiniões dos que acreditam no irreal, esplanadas acima, percebemos que é certa a ideia de que a fé é um sentimento muito caro ao realismo maravilhoso, visto ser ela a certeza de que o sobrenatural faz parte do mundo natural. É de suma importância, então, a conclusão de Carpentier de que o realismo maravilhoso demanda uma fé. Só tem medo de mãe d'água, quem nela acredita; só não vai ao rio ao meio dia quem tem medo de ser encantado; só não cata caranguejo sozinho quem acredita que no mangue existe o Ataíde. Nas comunidades da zona rural, por exemplo, só não sai sozinho à meia noite quem teme o lobisomem, quem não quer ser atacado pela mula sem cabeça, quem não quer ver o “fogo do campo” e assim, sucessivamente.

No fundo das águas, no meio do mato: a presença do realismo maravilhoso nas narrativas contadas pelos acadêmicos

O fundo das águas e as florestas são os lugares para onde são levadas as pessoas encantadas, onde seres como a curupira, iaras, botos e mães d'águas buscam “a companhia de alguém para completar sua dança” (BARBOSA, 2011, p. 92). De lá voltam um dia, ou ficam para sempre seduzidos. Sobre a mata ou floresta, Propp (2002, p. 56), em *As raízes do conto maravilhoso*, explica que “no conto, ela desempenha *grosso modo* um papel de obstáculo. A floresta em que se encontra o herói é impenetrável. É uma espécie de rede que prende o intruso.” Na realidade amazônica, a floresta descrita por Propp é reatualizada: matas tropicais, rios e mangues serão o *loci* em que os acontecimentos sobrenaturais terão existência.

Dentre as narrativas coletadas, acompanharemos exemplos da forte presença do maravilhoso tão citado no decorrer deste trabalho⁶. Veremos as narrativas *João, o menino encantado*, *Juca, a menina levada pela Curupira sequestradora*⁷, *A Curupira do Mangal de Augusto Correa e O Atáide auto-anthropofágico*. As duas trazem em seu conteúdo o sobrenatural, apresentando divergências apenas no local de origem e no elemento sobrenatural. A narrativa *João, o menino encantado*, por exemplo, apresenta um garoto de oito anos, João, que foi levado ao fundo das águas de uma pedreira por uma linda e loira mulher, numa comunidade da zona rural do município de Capanema – PA. A referida mulher apresentada na história é a conhecida mãe d'água⁸, ser que habita e protege as águas dos rios, segundo os moradores da região e crédulos deste episódio.

(...) enquanto as crianças brincavam na beirada do rio, uma loira apareceu querendo uma das crianças pra passear, dizendo que iria levar uma delas pra passear. E gostou do João (...). Então essa loira levou o João, sumiu com o João no meio das águas e não apareceu mais. (...) Segundo os mais antigos, só tem uma forma dele voltar: ele tem que conseguir uma criança de oito anos, assim como ele, e pagã... pra que fique no lugar dele e ele volte (...) Ele habita o rio, é o “menino do rio” (JOÃO, O MENINO ENCANTADO).

João, desde o final da tarde em que brincava com os amigos à beira do rio que banha a comunidade, nunca mais fora visto. Desde então, o garoto passou a habitar o rio da comunidade, e só vem à superfície para procurar uma criança pagã para que o substitua. Segundo o narrador, houve tentativas de trazê-lo de volta aos pais, porém, por interrupções no momento do ritual de

⁶ Foram dez as narrativas coletadas, mas neste trabalho analisaremos apenas as quatro já referidas.

⁷ Percebamos que os contadores das histórias aqui estudadas tratam do ser Curupira usando o artigo feminino: “a”. Respeitando a forma considerada por eles, em todos os momentos do trabalho, a partir de agora, trataremos o ser como “a curupira”.

⁸ Essas características desse ser que encanta, na maioria das vezes, pessoas do sexo masculino assemelham-se às ditas por Câmara Cascudo no conto *O marido da mãe d'água*. Cascudo assim descreve a mãe d'água: “uma moça bonita como um anjo do céu, cabelo louro, olhos azuis e branca como uma estrangeira” (CASCUDO, 2001, 72).

resgate⁹, o garoto, intimidado, voltou às águas. No dia do resgate, de acordo com o contador, o menino apareceu em forma de sapo¹⁰. Os moradores da comunidade temem o seguinte fato por medo de que o João leve qualquer criança ao fundo das águas: “(...) Quem for à comunidade sabe que os cuidados com as crianças pagãs ainda é bem grande por medo de que o João venha pegar uma delas...”, diz o narrador.

Numa temática semelhante – desaparecimento causado pelo ser sobrenatural –, a narrativa *Juca, a menina levada pela Curupira sequestradora* conta a história da garota que desapareceu, pelos arredores de sua casa, numa tarde em que realizava tarefas diárias. Conforme apontamentos do narrador, Juca repetia sua função todos os dias e conhecia muito bem a região, motivo pelo qual não corria o risco de não encontrar o caminho de volta para casa, sendo esta a certeza de que a responsável por seu desaparecimento repentino teria sido a curupira. Porém, ao contrário de João, que jamais retornou das águas, Juca foi encontrada na mata da comunidade em que sumira cinquenta e dois dias após seu desaparecimento. Houve também tentativa de resgate, mas Juca só foi realmente encontrada por caçadores da região. Conforme o narrador, devido aos graves e estranhos ferimentos em sua face e em seus pés, a moça não resistiu e faleceu assim que voltou à casa de seus pais:

(...) Todos os dias ela saía para colocar os gados no pasto, mas no dia 8 de setembro de 1980, ela saiu para levar o gado e não voltou para casa. (...) Os pais começaram a procurar pela vizinhança, mas não acharam. Ninguém tinha visto ela (...). Quando passou duas semanas, eles resolveram procurar um macumbeiro, porque não tinha explicação para o desaparecimento dela. O macumbeiro informou que seria a curupira que tinha levado ela para o mato... (JUCA, A MENINA LEVADA PELA CURUPIRA SEQUESTRADORA).

No poema abaixo vemos que a história sobre Juca é de largo conhecimento na comunidade:

*Se você está indeciso
Eu vou dar explicação
Município é Capanema
Tauari é a povoação
E a vila é Segredinho
Se você entrar sozinho
Vai sentir assombração.
Foi a 8 de setembro
Quando isto aconteceu
Às três e meia da tarde
A jovem desapareceu*

⁹ O narrador não deixa claro em que consistiu o referido resgate. Conta apenas que às seis horas da manhã, um pajé e os pais do garoto se encontravam à beira da pedreira para uma espécie de reza, ritual. Porém, o restante da população soube deste fato e correu ao local, o que interrompeu o recaptura de João.

¹⁰ Curiosamente, há muitas histórias amazônicas que apresentam o tema da metamorfose. Nas histórias contadas pelos acadêmicos há a menção ao Livro de São Cipriano, cujos ensinamentos práticos, nele contido, permitiriam a transformação. É o caso das narrativas *A Matinta Pereira e o encantamento* e *A Maria Cachorro*.

*Foi embora esta donzela
Só botamos olho nela
No dia que faleceu*¹¹.

Notemos que há, mais do que conhecimento da história, a presença de uma crença por parte dos moradores da vila em relação aos fatos ocorridos com Juca. Crença esta que se estende por gerações. Consideremos que narrador, de uma geração mais jovem, além de saber a história, acredita nela.

As duas narrativas apresentam fortes similitudes, tanto no que se refere ao desaparecimento causado pelo ser sobrenatural, quanto pelo ritual de regaste. Na narrativa do João é o pajé que, acompanhado dos pais do garoto, vai até o local onde, possivelmente, o garoto está. Só eles podem desfazer o feitiço. Na história de Juca, o “macumbeiro” – podemos entendê-lo aqui com uma variação de pajé, visto exercer a função de curandeiro – vai até à mata com os padrinhos da moça, pois só o chamado deles pode ser escutado por ela. Nos dois casos o resgate não acontece porque a população, sabendo da tentativa de trazer os encantados de volta às suas casas, chega ao local e interrompe, mesmo sem intenção, o ritual.

Percebamos que, na narrativa do menino João, é o aparecimento da mulher, mãe d’água, que torna o evento sobrenatural, assim como a transformação do menino em sapo; na história de Juca o desaparecimento causado pela curupira, de acordo com os fatos tidos como verídicos, demonstram a sobrenaturalidade do acontecimento, assim como a forma como os fatos se sucederam, desde o desaparecimento às lesões no corpo da garota¹².

No momento em que ouvimos ou fazemos a leitura de histórias como essas, somos seduzidos pelo discurso/poética do realismo maravilhoso, discurso este que “(...) torna verossímil as aventuras mais inusitadas dos personagens, objetivando “aliciar” o leitor/ouvinte para que ele aceite as ações extraordinárias e inesperadas dentro do universo ficcional” (BOTOSO, 2011, p. 203), no caso dos contos e romances carregados de realismo maravilhoso. Mas, neste estudo,

¹¹ Poema criado por um morador da vila de Tauari, conhecedor e testemunha do fato, segundo o narrador.

¹²Propp (2002, p. 49), em *As Raízes do Conto Maravilhoso*, fala-nos a respeito de Baba Yagá. Segundo ele, “(...) são chamados de Baba Yagá personagens pertencentes a categorias totalmente distintas...”. Assim, há três tipos de Yagá: a doadora: o herói chega até a sua isbá (casa de Yagá, encontrada na floresta e sustentada por patas de galinha) e recebe dela ricos presentes; a raptora: rapta as crianças para a floresta a fim de assá-las, mas a as crianças fogem e são salvas; Yagá-guerreira: a que entra voando na casa dos heróis. Vemos, então, que há Baba-Yagás boas e más. A mãe d’água que rapta João, assim como a Curupira raptora de Juca, seriam a famosa Baba Yagá em mais uma de suas muitas formas? Mãe d’água, Curupira e outros seres semelhantes presentes em nossas histórias seriam as Yagás bragantinas? Na narrativa sobre João, seria a Yagá fazendo uso do artifício da beleza para raptar o garoto e levá-lo ao fundo das águas? Se considerarmos a mãe d’água raptora de João como uma espécie de Yagá do fundo das águas, deveremos entender a Curupira sequestradora de Juca como uma Yagá raptora da mata, e que para lá leva as crianças. Construimos tais suposições com base nos apontamento de Propp (2002, p. 50), quando este diz: “Às vezes o papel da Baba-Yagá pode ser desempenhado por animais (o urso), por um velho etc.”. No caso da história de João, a Yagá seria uma bela mulher. E sua isbá, ou seja, sua casa (não mais sobre patas de galinha) seria a pedreira onde João aparece em forma de sapo.

muito mais do que traçar um inventário dos que tem fé nas histórias, ou delas descreem, considerando a presença do realismo maravilhoso, buscamos analisar as narrativas, tendo como parâmetro as funções das personagens como categorias iterativas dos contos de magia, como definiu Vladimir Propp.

Sob as regras do conto maravilhoso: as narrativas dos acadêmicos e sua relação com as funções de Propp

Nas narrativas mostradas anteriormente percebemos que há, de fato, semelhanças entre elas. A diferença maior diz respeito aos personagens e ao local, visto que os acontecimentos tocam em pontos semelhantes em alguns momentos. Considerando a semelhança entre elas desenvolvemos uma análise simplificada de duas das narrativas, levando em conta alguns estudos do formalista russo Vladimir Propp. Nossa análise não segue à risca as análises de Propp pela diferença no número de histórias e, principalmente, por não ser nosso objetivo principal. Intencionamos apresentar apenas como as histórias que tratam do sobrenatural caminham em direções semelhantes, assim como os cem maravilhosos contos russos analisados pelo estudioso Propp.

Propp utilizou contos maravilhosos (russos) para identificar trinta e uma funções dos personagens; em nossa pesquisa, voltada diretamente às narrativas de cunho oral da região bragantina, buscaremos ver como algumas dessas funções se configuram. Assim, vejamos a narrativa *OAtaideauto-antropofágico*. A narrativa passou por adaptação, visto que o narrador a contou de forma solta, além de comentários a respeito dela, sem fazer uma organização direta e objetiva dos fatos.

Existia um pescador que desejava encontrar um parceiro para ir pescar com ele durante a noite, pois ele sempre ia pescar sozinho.

Numa certa noite o pescador saiu novamente para pescar e no caminho ele reclamou que gostaria de ter uma companhia. Nessa mesma noite apareceu um homem que lhe disse:

- Já que o senhor precisa de alguém pra pescar, o senhor encontrou um companheiro. Se aceitar eu pesco com contigo. O pescador achou estranho, ficou com o pé atrás, mas não recusou a companhia.

- Ta certo, aceito sim, senhor!

Próximo às 11 da noite eles saíram no barco. O homem que se ofereceu ia na frente, e o pescador atrás. Quando eles chegaram ao ponto da pesca, o homem se adiantou pra fazer logo o fogo pro avoadado. O pescador, desconfiado de tanta gentileza, resolveu fingir um cochilo.

- Rapaz, tô um pouco cansado. Vou tirar um cochilo curto aqui. E o homem lhe disse:

- Pode tirar tranqüilo, enquanto isso vou preparando o avoadado.

Quando a fogueira ficou pronta o homem começou a esquentar os braços, as pernas até deixa-los torrados. O pescador só observava os gestos do homem e pensava consigo: “esse aí deve ser o Ataíde”. Continuou observando o homem que agora comia

a si próprio. O pescador resolveu sair do barco, pois o homem que tinha se oferecido pra pescar com ele era mesmo o Ataíde. O pobre pescador saiu bem devagar do barco sem que o Ataíde percebesse. Depois de alguns minutos o Ataíde se deu conta do sumiço do pescador e, agoniado, olhou pra todos os lados à procura. Quando o pescador chegou à beira do rio, viu que o Ataíde já estava lá, à sua espera, pronto pra devorar. Nesse momento ouviu-se o cantar do galo e o Ataíde desapareceu.

Notemos que, obviamente, o seguinte pescador precisou sair de sua casa para chegar ao seu destino, o rio. Já temos, portanto, a função “afastamento”, quando um membro da família sai de casa, segundo Propp. No caso do afastamento de crianças, o autor afirma: “Elas vão à floresta colher frutas silvestres, a jovem vai aos campos¹³ levar o almoço para os irmãos, a princesa sai para passear no jardim etc.” (PROPP, 2002, p. 30), terreno propício para a desgraça, conforme o estudioso. Percebamos, ademais, a necessidade de uma companhia para a pesca, fato causador de uma situação de desequilíbrio na história. Esse desequilíbrio é apresentado por uma *carência* (a falta de água ou de determinada caça, por exemplo, como acontece na maioria dos contos maravilhosos, conforme Propp). A *carência*, de acordo com os estudos do formalista sobre os contos russos, é uma das funções sempre presentes em um conto maravilhoso.

Continuando a análise, notemos que a narrativa prossegue com a *reparação da carência*, ou seja, o desejo do pescador se realiza quando um misterioso homem não identificado, inicialmente, se oferece como a companhia que lhe faltava. Esse episódio é tido como a reparação da carência do pescador, fato este que causa, a princípio, o equilíbrio da narrativa. No entanto, a entrada do homem misterioso e reparação da carência inicial, é o que causará o dano na narrativa.

O *dano* ou consequência da narrativa é outra função presente nos contos maravilhosos, de acordo com Vladimir Propp. Na narrativa aqui analisada, a referida função está relacionada ao momento em que o pescador descobre que seu gentil companheiro é o temido Ataíde. Há crenças de que o Ataíde só ataca caso se sinta ameaçado, posto que sua imagem é vista por muitos como um protetor do mangue, assim como a Matinta Pereira e a Curupira, seres protetores da mata, a mãe d'água as águas etc.; se estes seres costumam atacar quem eles encontram em seu habitat natural é porque sentem-no ameaçado. Porém, o Ataíde da narrativa acima age de forma curiosa, diferente da esperada: realiza um ato auto-antropofágico, como vimos.

O pescador consegue fugir do Ataíde sem que este perceba, ocasionando, portanto, outra função: a *vitória*. Mesmo não havendo batalha entre eles, o pescador sai vitorioso em relação ao Ataíde, uma vez que o cantar do galo é ouvido e o Ataíde desaparece¹⁴. A narrativa termina e o

¹³Lembremos da narrativa *Juca, a menina levada pela Curupira sequestradora*. Juca sai para a floresta, mas a temática apresenta grande semelhança.

¹⁴ Em determinado momento da madrugada, a Matinta retorna à sua forma humana, já que se trata de uma mulher metamorfoseada. É o fim do encanto. Compartilham da mesma situação, o lobisomem, a mula sem cabeça, entre outros seres, sendo por meio do canto do galo ou não.

narrador não deixa claro se o Ataíde devorou o pescador, levando-nos a considerar o pescador um vitorioso. Porém, se ao final da narrativa nos fosse revelado um triste destino do pescador, não ficando apenas implícito, teríamos outra função voltada à reparação de carência, neste caso, a do Ataíde.

Para melhor entendermos as explicações listadas acima, vejamos o quadro abaixo de análise sobre a narrativa:

Um dos membros da família sai de casa (afastamento)	Carência	Reparação da carência	Dano ou consequência	Vitória
O pescador sai de casa	O pescador deseja uma companhia para a pesca	Um homem se oferece como companhia	O companheiro é o Ataíde que deseja devorar o pescador	O pescador consegue escapar do Ataíde

Na análise acima não encontramos todas as funções ditas por Propp em seu estudo, uma vez que os contos maravilhosos estudados por ele não apresentam todas as funções em um conto só. Importante é mostrarmos aqui a iteração entre as funções das personagens, ou seja, notar que nos contos de magia, contos em que há a presença do maravilhoso, há uma repetição estrutural.

Observemos que na maioria das histórias ocorre, pelo menos, a repetição de duas funções: *afastamento* e *carência*. Geralmente, as narrativas iniciam com o afastamento e determinada carência do(s) personagem(ns). Vejamos abaixo o exemplo da narrativa *A Curupira do Mangal de Augusto Corrêa*, narrativa também adaptada:

A história aconteceu num manguezal do interior de Augusto Corrêa. Certa tarde, lá pelas 5 ou 6 horas da tarde, dois pescadores saíram pra pescar. Esse era o horário da maré. Chegando ao portinho, eles esconderam suas sandálias em uma moita e seguiram empurrando a canoa enquanto a maré não enchia.

Quando não conseguiram seguir, deitaram na canoa e ficaram aguardando a maré. De repente eles ouviram um barulho esquisito. Era como se alguém viesse na direção deles, sobre a água. Ouviram pegadas... Assustados por não terem visto alguém, um deles disse:

- Compadre, o senhor ouviu?
- Ouvi, mas não vi nada. – disse o outro.
- Nem eu, só ouvi o barulho na água.

Continuaram a pescaria. Novamente ouviram o barulho, porém dessa vez algo estranho parou exatamente ao lado da canoa. Assustados, começaram a levar a canoa pra terra. Quando começaram a empurrar, ouviram um forte grito que os deixou mais assombrados. Já que não viam nada, só ouviam o barulho vindo na direção deles, como ia surgir um grito daquele bem debaixo da canoa?! – perguntavam-se.

- Compadre, vamos embora daqui!? – disse o primeiro, assustado.
- Vamos, que isso deve ser coisa do bicho do mato. – afirmou o outro.

Pegaram a canoa e seguiram de encontro à maré que já se aproximava deles. Quando amanheceu já estavam do outro lado do igarapé, onde desejavam chegar.

Daí em diante cada um pegou um rumo e foram para a fechoação de bagre. Um deles já havia matado vários bagres quando, de repente, ele ouviu um barulho vindo na direção dele. Comparava-se ao galopar de um cavalo sobre as águas. Assustado, sem pensar duas vezes, pegou a cambada de bagres e foi embora em direção à canoa. Ao chegar, pro outro parceiro que estava bem próximo ao barco.

- Zé, vamos embora! Vamos embora que o bicho ta voltando.

- Já tô indo, compadre!

Chegando, contou o acontecido ao companheiro e vieram embora nessa mesma hora. Quando procuraram as sandálias que haviam escondido na moita, viram que havia apenas uma banda de cada par. Virando-se para o outro, um dos pescadores disse:

- Isso deve ser obra da curupira... Ela sempre costuma esconder as coisas.

Na seguinte narrativa ocorre, novamente, um afastamento: os personagens saem de suas casas para pescar. Além disso, os personagens também apresentam uma carência, porém, neste caso, é a falta de peixes. Na narrativa *O Ataíde auto-antropofágico*, a carência se dá pela falta de companhia para a pesca. É claro que há, implicitamente, uma carência de peixe, o que motiva o pescador a sair de casa, todavia a carência inicial da narrativa é a falta de um companheiro de pesca.

Vejamos agora um quadro comparativo entre as narrativas *O Ataíde auto-antropofágico* e *A Curupira do mangal de Augusto Corrêa*:

Um dos membros da família sai de casa (afastamento)	Carência (Eles desejam obter algo)	Reparação da carência	Fuga/Vitória
Nas duas narrativas os pescadores saem de casa	Na narrativa do Ataíde, o pescador deseja uma companhia; na narrativa da Curupira, os pescadores desejam conseguir peixes	O pescador solitário encontra um companheiro de pesca; Os pescadores conseguem os peixes.	A fuga, sem desgraça, se dá nas duas narrativas.

Como vimos, tanto na narrativa do Ataíde quanto na da Curupira as funções *afastamento*, *carência* e *vitória* estão presentes. Os personagens vivem as situações de forma diferente, mas as funções são as mesmas. Por razões como essas, Propp volta sua atenção às ações executadas pelos personagens, e não aos personagens. Eles são variáveis, mas as funções são constantes. “Fundamental é o que é feito, quem faz ou como se faz são enfoques acessórios” (PIMENTEL, 2002, p. 41). Nas duas narrativas os pescadores tomam a mesma atitude no momento em que se deparam com o elemento sobrenatural: fogem. Vladimir I. Propp (2001, p.16) assim explica:

o que muda são os nomes (e, com eles, os atributos) dos personagens; o que não muda são ações, ou *funções*. Daí a conclusão de que o conto maravilhoso atribui frequentemente ações iguais a personagens diferentes. Isto nos permite estudar os contos *a partir das funções das personagens*.

Dessa forma, temos a ideia de que as ações se repercutem constantemente nos contos maravilhosos, o que podemos notar também nas narrativas analisadas acima. João, encantado pela loira de olhos azuis, e Juca, a garota levada pela Curupira, por exemplo, apresentam o afastamento causado por uma carência: João desejava brincar e Juca realizar suas tarefas de todas as tardes. Porém, as narrativas não apresentam a vitória dos personagens. Juca chega a voltar à casa de seus pais, mas não resiste aos ferimentos causados pela Curupira.

Considerações finais

Alejo Carpentier, no que podemos notar após a leitura dos tópicos deste trabalho, notou na realidade do homem americano o realismo maravilhoso. Em meio a tanta simbiose e mestiçagem de que é composta tal realidade, o sobrenatural passeia, naturalmente, sem nos causar qualquer vacilação. Não há antagonismos entre real e irreal. As duas forças se entrecruzam plausivelmente. “A vida é o maravilhoso e o maravilhoso é o real” (PIMENTEL, 2002, p. 35).

Na realidade amazônica, a loira de olhos azuis – mãe d’água –, a Curupira e o Ataíde são verdadeiramente temidos, não sendo vistos apenas como protetores da floresta e água dos rios. Os pagãos tem prestígio nas histórias e o encantamento é certo. Pesadelo é parte da realidade e ataca tanto quanto os outros seres; o livro de São Cipriano é leitura obrigatória a quem deseja a transformação e mulheres recebem o encanto de ser Matinta Pereira nas noites de lua cheia sem serem questionadas. Ou podem ser cachorros, onças, ou qualquer outra criatura que ninguém consiga identificar ou dar nome. Não esqueçamos das fadas que abrigam-se em galhos transparentes; elas são partes da comunidade. Ataíde aqui devora seus próprios membros, depois de torrá-los à fogueira. Quem duvida?! Estamos num contexto em que não se confunde o que é real e sobrenatural; as duas zonas se interpenetram, uma dando sentido e enriquecendo a outra; o mundo sobrenatural dialoga constantemente com o mundo real. Sobre essa aproximação das duas zonas, vejamos a citação abaixo:

Homens que se metamorfoseiam, pessoas que voam em vassouras e seres mitológicos permeiam a construção de um mundo ficcional onde não há distância que separe o real do sobrenatural, uma vez que ambos coexistem e formam um todo homogêneo, que é a própria obra romanesca (BOTOSO, 2011 p. 210).

Não nos esqueçamos das analogias entre essas histórias. Como acompanhamos durante as discussões do trabalho, os mais diversos seres passeiam pelas narrativas executando funções análogas. Propp, como já referenciado, teve prestígio por perceber este fato, uma vez que foram suas as primeiras conclusões sobre as semelhanças estruturais contidas nos contos maravilhosos.

Além disso, notamos que as narrativas são também representações de seu local de origem, assim como dizem muito sobre os narradores, pois, embora estes lidem com outra realidade, a acadêmica, não deixaram de lado suas credences e saberes regionais, no que tange às narrativas reais maravilhosas presentes na tradição oral de comunidades.

Assim sendo, “as narrativas constituem uma espécie de poética da vida social”, como elucidada Nei Clara de Lima (2003, p.16). Justifica-se, destarte, a importância da interação entre os saberes popular (neste caso, referente às narrativas maravilhosa) e científico, fazendo como que a universidade alargue sua extensão das pesquisas e ganhe maior reconhecimento perante as comunidades que vivem ainda o sobrenatural.

Referências:

- BARBOSA, Joaquim Onésimo Ferreira. *Narrativas Oraís: Performance e Memória*. Manaus: UFAM, 2011. Disponível: <http://followscience.com/content/540057/narrativas-orais-performance-e-memoria-eventos-ufam> Acessoem: Março de 2014.
- BOTOSO, Altamir. O Realismo Maravilhoso no romance *O mundo alucinante*, de Reinaldo Arenas. In: Revista Virtual de Letras, vol. 03, nº 01. Jan/Jul de 2011.
- CÂMARA, Cascudo. *Contos tradicionais do Brasil*. . 10^a ed. São Paulo: Global, 2001.
- CARPENTIER, Alejo. *Aliteratura do maravilhoso*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1987.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: Símbolos Mitos Arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Série Detabes - tradução de PolaCivelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- LIMA, Nei Clara de. *Narrativas orais: uma poética da vida social*. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2003.
- NORTHROP, Frye. *Anatomia da Crítica*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.
- PIMENTEL, Vânia. *Narrativas do além-real*. – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.

PROPP, Vladimir I. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. Tradução Rosemary Costhek Abílio, Paulo Bezerra. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2001.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Série Debates - tradução de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Série Debates - tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

ABSTRACT: This article turns towards the study of the wonderfulrealism in narratives counted and commented by academics from the UFPA, Campuses of Bragança and Capanema, considering the relationship between the academic know ledge and popular know ledge. Thus, there are the epoints of research: the study of marvelousrealism and its presence in the narrative; the inventory about opinions and perspectives of the narrators on the presence of the supernatural element in the narrative; and the analysis of the stories, considering some functions of the characters, studied by Propp (2001), which show iterative categories in the narratives of the region.

KEY-WORDS: Study. Marvelousrealism. Oral narratives.